

Quem te viu, quem te vê

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA —

Uma provocação, mais do que uma frase, resume o dilema do PMDB no segundo turno: "O PT precisa dizer logo se quer mesmo ganhar ou só marcar posição", alfinetou o de-



putado Ulysses Guimarães, que já se manifestou publicamente contrário a uma aliança com o PRN de Fernando Collor de Mello mas, ao mesmo tempo, parece não estar sendo bem-vindo ao convívio do PT de Luiz Inácio Lula da Silva. Triste situação do maior partido do País. Triste situação do mais importante parlamentar vivo, quase um mito.

Cercado por uns poucos políticos e jornalistas, num churrasco, anteontem à noite, Ulysses parecia muito preocupado com o rumo da eleição e da própria situação do País a partir da posse do eleito, em março. Sob a concordância do líder do PMDB na Câmara, Íbsen Pinheiro, por exemplo, o experiente deputado criticava a inconsistência de Collor e a intransigência dos petistas e seus parentes da Frente Brasil Popular.

Na mesma tarde, o PC do B rejeitara Ulysses e Lula concedera entrevista em São Paulo convocando para uma ampla "aliança progressista" os candidatos derrotados Leonel Brizola, no PDT, Mário Covas, do PSDB, e Roberto Freire, do PCB. Ao se referir ao PMDB, contudo, ignorou o nome de Ulysses e destacou apenas a esquerda partidária. No churrasco, Ulysses reagiu: "Se é assim que eles pensam em ganhar a eleição e governar, estão muito enganados". Íbsen acrescentou: "Parece que eles querem a derrota, que têm medo de assumir o abacaxi agora e preferem se pre-

servar para fazer uma boa banca em 1990 e ganhar a Presidência em 1994".

No caso de Collor — que Ulysses sempre repudiou — o que preocupa o presidente do PMDB é o contrário de Lula: ele tenta fazer alianças mas não consegue, "por falta de dimensão pessoal, política e partidária". Alguém lembrou que o candidato do PRN acenava com um governo de coalizão, pinçando celebridades de diferentes áreas e partidos. "Ele tem cacife para isso? Duvido", devolveu Ulysses.

Lembrou, então, de uma parábola que lhe foi contada há muitos anos pelo ex-chanceler Oswaldo Aranha: uma carroça atrelada a um cavalo, um burro e um boi não saía do lugar, porque cada um puxava para um lado. Se fosse um só, a carroça andaria sem problema. "É o risco do Collor", comparou Ulysses. "Se ele montar uma equipe heterogênea demais, mesmo que com talentos individuais, vai ter problemas para administrar, para dar unidade política ao seu governo."

O que mais incomoda Ulysses é a tentativa de Collor e de Lula de se aliarem apenas com a parcela considerada "progressista" do PMDB. Apesar do sétimo lugar e dos apenas 4,5% de votos, Ulysses ainda sonha com a unidade da velha frente partidária. Ao contrário, o vice da derrota, Waldir Pires, no mesmo churrasco deixou bem claro: "É a hora ideal para o confronto. Os moderados que sigam seu rumo".

OBJETIVIDADE

Collor está convencido de que vai herdar significativa fatia dos votos brizolistas do Rio Grande do Sul, mas não do Rio de Janeiro. Por isso, pediu desculpas ao governador da Paraíba, Tarcísio Burity, e avisou que no segundo turno só fará campanha nesses dois estados, em Minas e no Paraná. De olho, sempre, nos votos do PDT e do PSDB, pois os do PDS e PL já estão no papo.